

Problema do Brasil é fiscal, diz Greenspan

Para o presidente do Federal Reserve Bank, governo brasileiro está "enfrentando claramente seus problemas"

Getulio Bittencourt
de Nova York

O presidente do Federal Reserve Bank (Fed), Alan Greenspan, ofereceu ontem um diagnóstico sobre a situação econômica do Brasil, em seu depoimento ao comitê de meios e formas da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. Para ele, os problemas da economia brasileira são principalmente de natureza fiscal, aí incluindo-se os altos salários pagos pelos Estados e "um sistema previdenciário que precisa de reformas".

O presidente do banco central norte-americano acrescentou, porém, que o governo brasileiro "está claramente enfrentando esses problemas". Ele disse também que o Brasil foi prejudicado pelo curto prazo da sua dívida pública interna, que aumentou as despesas com juros, criando um "círculo vicioso"; e pelas dificuldades enfrentadas simultaneamente pelo sistema financeiro internacional, que tornaram a tarefa do governo brasileiro mais difícil.

Respondendo a perguntas dos parlamentares, Alan Greenspan reconheceu que no momento os brasileiros "lidam não apenas com seus próprios problemas, mas precisam



Alan Greenspan

fazê-lo num ambiente externo que é menos benéfico do que foi há alguns anos". No depoimento que lera pouco antes, contudo, ele considerou positiva a reação do mercado à crise brasileira.

"A situação no Brasil e seu potencial de respingos para reduzir a demanda em outras economias dos mercados emergentes também constituem uma possível fonte de risco de queda da demanda nos EUA", argumentou Greenspan. "Até agora, os mercados parecem estar reagindo razoavelmente bem às decisões das autoridades brasileiras de deixar sua moeda flutuar e redobrar esforços na disciplina fiscal."

O presidente do Fed alertou em seguida que a "continuidade na redução dos desequilíbrios orçamentários, e contenção dos efeitos inflacionários da queda do valor da moeda, serão necessários para estimular a confiança e limitar o potencial para contágio dos mercados financeiros e das economias dos parceiros comerciais mais importantes do Brasil, inclusive os EUA".

Isso não significa, a seu ver, que está tudo bem. Seguindo-se à nova crise provocada pela moratória russa em agosto do ano passado, Greenspan nota que "os mercados sem dúvida se estabilizaram após a turbulência do outono, mas eles continuam frágeis, como atestam as repercussões da recente desvalorização brasileira".

O desempenho da economia norte-americana até o final do ano passado continuou notável, com crescimento sólido e reativação dos mercados financeiros, ressaltou o Greenspan. Ele referiu-se à performance da economia americana como "esfuziante" em seus oito anos recordes de expansão em período de paz. Seu discurso sinalizou para o mercado a manutenção das atuais taxas de juros, e provocaram reações ligeiramente negativas no bônus

longo do Tesouro.

A percepção do mercado parece ser, contudo, a de que o real ainda não se estabilizou. Thomas Trebat e Joseph Petry, dois analistas do Salomon Smith Barney, banco de investimentos do Citigroup, notam que a saída de dólares do Brasil continua a ser significativa, e ponderam que — na ausência de intervenção do Banco Central — a perspectiva é de fraqueza adicional do real.

"Os mercados parecem estar reagindo razoavelmente bem às decisões das autoridades brasileiras", disse o presidente do Fed

"Com saída acumulada nos primeiros três dias de flutuação do real chegando a US\$ 1 bilhão, a posição longa edificada pelos bancos em dólares na semana passada (estimada entre US\$ 1,4 a US\$ 1,7 bilhão) não deve ter condições de atender à de-

manda por muito tempo", dizem ambos. "Neste cenário, não é improvável ver o real testando o nível de R\$ 1,7 a R\$ 1,8 por dólar."

O contágio timidamente entrevisto por Alan Greenspan aparece como certeza nas análises do setor privado. "A desvalorização do Brasil representa mais uma casualidade na redução do crescimento global, que começou na Ásia há quase dois anos", raciocina um executivo do Chase Securities em Nova York, James E. Glassman. "Os investidores estão observando para ver como o governo brasileiro vai enfrentar o déficit fiscal."

Outro analista do Salomon Smith Barney, Kermit Schoenholtz, afirma que a despeito da reação controlada nos mercados dos países industrializados, o novo choque do Brasil "já está engatilhando uma rodada adicional de contágio nos mercados emergentes, que vai contribuir para uma marcante redução do crescimento no mundo industrializado em 1999".